

SCENA 4.<sup>a</sup>

DO ACTO 1.º DA COMEDIA

## AS SABICHONAS

DE MOLIÈRE

TRADUÇÃO DE

A. F. DE CASTILHO

(Continuado do n.º 3, pag. 26.)

JORGE E ANDREZA

ANDREZA (entra de grammatica latina na mão como quem anda a decorar passeando, com os olhos no teto, e sem reparar em quem está).

Nominativo *res*, accusativo *rei*;

nada: o dativo é *rem... res rem*; de novo errei!

oh quem me dera já chegada ao *amo amas*!

isso é que é lindo verbo e proprio para damas...

JORGE (interrompendo-a e sobresaltando-a)

Aproveito senhora a occasião fugaz para expor-lhe um amor...

ANDREZA (a Jorge que lhe ouve pasmado toda a falla.)

Menos gaz! menos gaz!

Amar ou não amar bem sei que não depende do alvedrio da gente; o amar-me não me ofende; mas não tolero ouvir certas declarações.

Digam olhos embora o que ha nos corações, porem jamais a falla. Os meus adoradores nunca ouzaram 'té que pintar-me ignaes ardores.

Se o captivei, se exerço o electrico poder do tal peixe torpedado, embora sem querer, Andreza não prohibe a Jorge que elle a adore; deixe Jorge que Andreza eternamente o ignore; senão, para punir-lhe o arrojo sem pudor, bano, desterro, exilo o audaz adorador.

JORGE

Oh! socegue: é mui outro o fogo em que me abraço: peço a mão de Henriqueta; e para obtel-a emprazo todo o influxo da tia, antes que á mãe e ao pai me aventure a pedir...

ANDREZA

Poupae, moço, poupae, esse inutil disfarce; é veu muito transparente...

JORGE

Senhora Dona Andreza!...

ANDREZA

Entendo optimamente.

JORGE

Juro...

ANDREZA

Bem sei, bem sei;

(á parte)

Coitado! por um til...

perdia-se...

NUMERO 4

(alto)

Mancebo animo! é tão sutil

a desculpa que armou, que eu, outra igual a ella não me lembro ter visto em drama nem novella; e portanto, em razão do engenho que ostentou, perdôo-lhe a ouzadia, e já serena estou; mas não me torne...

JORGE

A que?!

ANDREZA

! A que?

JORGE

Pois se lhe juro,

e rejuro, e trejuro, e tenha-o por seguro, que nunca, nunca, a ame! que neste coração só Henriqueta impera! A unica ambição que nutro, é possuil-a; á tia só imploro que me ajude a alcançar aquella a quem adoro.

ANDREZA

Bem percebo; não sou tão pouco perspicaz que n'essa alegoria, embora mui sagaz, não veja claramente o senso da parabula; sei, Genuense: pesco a historia dentre a fabula; mas vamos co'a figura, uma vez que assim quer: respondo que Henriqueta odeia o ser mulher; (indicando por gestos que está fallando de si mesma) quer masculinizar-se; e ha de, a poder de estudo, virgem, solteira, e sabia, alar-se alem de tudo. Ella, ella, aturar crianças e um senhor! achou-a! o Deus Apollo é quem lhe absorve o amor! Ella, a tal Henriqueta, aspira no Parnaso a ter um dia estatua ao pé de Ovidio Naso, Bento Pereira, Homero, e outros de igual jaez.

JORGE

Mas que illusão, senhora!

ANDREZA

E' mais que impavidez insistir...

JORGE

Grande Deus!

ANDREZA

Suppõe que eu já não tinha adivinhado ha muito o ardor que em si continha? Bastava o seu olhar; esteve vai não vai para cair-me aos pés cem vezes...

JORGE

Eu?

ANDREZA

Se um ai me tivesse escapado em troco aos seus olhares, esse grande paiol voava pelos ares! Já vê que tudo sei; perdôo-lh'o porem em favor da ficção com que buseou tão bem pôr um manto na injuria; absolvo-o; mas contanto que nunca mais recorra a semelhante manto. Beije esta mão, se quer, e pôde-se ir em paz.

JORGE (á parte)

Inda mais esta! A velha é o proprio Satanaz!  
(beija-lhe a mão com visível repugnancia. Alto:)  
Mas oiça, por quem é, senhora Dona Andreza!

ANDREZA

Basta; emende-se; adeus; admire-me a nobreza-

JORGE

Adeus, adeus;

ANDREZA (desviando-se de Jorge e abrindo no-  
vamente a sua grammatica)

Talvez agora atinarei:

nominativo *res* accusativo *rei*.

JORGE

E' claro: insandeeu; convem que emfim me aparte,  
a ver se desencanto auxilio n'outra parte.

(Sae)

ANDREZA (sempre absorvida no seu estudo)

Foi-se; graças! agora estamos como um dez:  
nominativo *rei* accusativo *res*.

FIM DO ACTO I.

## REGINA

ROMANCE ORIGINAL

POR

GASTÃO VIDAL DE NEGREIROS.

(Continuado do n.º 3.)

### Revelações

Infancia! Saudosa e invejavel quadra da vida ain-  
da para os que nasceram desherdados dos bens da terra.  
Quem te não chora? Perguntai ao filho do pegureiro  
que, feito homem e transportado alem mar, cobrou e hau-  
riu á custa de suores e tráfego bastos cabedaes, que idea  
faz da epoca tão alongada, quando, pobre guarda de re-  
banho, se acoitava no inverno debaixo do alpendre rustico,  
tendo apenas por cobertura dous andrajos, e um pal-  
lido raio de sol para aquecer-se!

Ouvil-o-eis então. Ouvil-o-eis, se o ouro lhe não  
corrompeu o coração, dizer-vos na lingoagem singela e  
por vezes poetica do povo, que trocaria os seus milhões  
por uma hora d'aquellas!

E' que a mesma natureza tem uns afagos myster-  
iosos para a innocencia, que nunca esquecem! A cari-  
cia d'um pai! Um beijo de mãe! Aquelle seio, aquelles  
braços que nos amparam! Aquelle circulo de amor im-  
maculado em que andamos ás cegas sem ver mais que  
ceu, terra, arvores e flores!

Meu Deus! quem não chorará a mocidade quando  
os annos e os trabalhos tem avincado a fronte, e o mun-  
do que adoramos no tempo das illusões se desvendou  
afinal?!

Que ulceras! que podridão ahí vae!

Balbon é ainda hoje um dos bonitos arrabaldes do  
Porto. A proximidade do rio Douro, a vista das quintas  
e tufos de verdura que no verão o marginam, chama-  
vam n'aquelle tempo a este local os homens dinheirosos  
que folgavam de por alli edificar as suas casas de recreio.  
Afadigados nos seis dias da semana, o domingo, era por  
via de regra, o da visita aos seus dominios. No verão,  
quem aos domingos desse um passeio para aquelle lado  
pouco antes de romper o sol, encontrava ranchos de fa-  
milias, alegres e folgasãs; uns a pé, outros em carroção,  
outros ainda nos jumentinhos não menos famigerados  
que os de Cintra e Cacilhas.

Era alli que Anselmo da Costa possuia uma linda  
propriedade, um pouco afastada da estrada, e quasi es-  
condida por um soute de castanheiros e carvalhos.

E' ainda alli que ao cahir da tarde do mesmo dia, o  
vamos encontrar com a esposa e filhas, e tres creaturas  
privilegiadas.

Raphael, filho do seu mais antigo amigo; Salvador  
orphão de pai, e o qual tambem fôra seu companheiro  
nas lides commerciaes; e por ultimo o visconde de \*\*\*,  
titular sem nobreza de avós, devendo unicamente este no-  
bilitamento aos serviços monetarios que fizera aos consti-  
tucionaes. Grandes por certo deviam ser elles para tão a  
seu gosto serem remunerados, n'uma epoca em que se não  
acotovelavam os viscondes e barões a cada passo, como  
succede hoje em dia!

Anselmo passeiava gravemente ao lado da esposa  
por um arruado de lorangeiras, cujos fructos vergavam,  
com apetitosa tentação; os dois mancebos caminhavam  
juntos por uma rua lateral, enquanto as meninas se des-  
pediam de seus canteiros dos quaes cada uma tomava es-  
pecial cuidado.

—O' Regina—dizia Eugénia—vês? as minhas ro-  
zeiras já teem botões! Que lindos! E as tuas? deixa-me  
ver.

—As minhas estão mais atrasadas—respondeu Re-  
gina com descontentamento e continuou—Não importa:  
os meus lilazes e romanzeiras já estão abrindo... Ai! ó ma-  
na! Santo Deus, que massador! deixa ver se me escapo...

Era o visconde que surgia por detraz das murtas.  
Este vendo que Regina tomava direcção contraria, cor-  
reu a tomar-lhe o passo atravessando os canteiros aos  
pulinhos. Ouvindo estrepito proximo, Regina olhou so-  
bre o hombro e desatou a rir.

—Sr.ª D. Regina! Sr.ª D. Regina!—exclamava o  
esbaforido visconde enquanto a travêssa não corria mas  
voava, como lebre acoçada pela matilha. Por fim offegante  
mais do riso que do canção e talvez mesmo compadecida  
pelo ridiculo de que estava sendo alvo o seu perseguidor  
ouvindo as francas gargalhadas de Raphael, parou, sen-  
tando-se n'um banco á porta d'uma magnifica estufa  
onde se creavam deliciosos ananazes.

—Porque me foge?—disse o visconde sentando-se  
a seu lado. —Que mal lhe faço eu? Não é minha amiga?

Regina calou-se. Como elle porem insistisse, foi  
obrigada a responder:

—Sou: estimo os amigos do papá, e o sr. visconde, é sem duvida o primeiro.

—Só por isso?—accudiu elle treguitando desengradadamente.

—E por que mais?—redarguiu a menina—Não percebo.

O visconde suspirou. Passaram-se alguns minutos. Regina surprehendida e curiosa aguardava o resto.

—Será possível que me não comprehenda... — tornou o visconde.—Vou pedir-lhe um favor. Faz-m'o?

—Conforme—balbuciu a risonha creatura.

—Pois nem ao menos... —gemeu o apaixonado— Não importa, sempre me affeito a dizer-lhe o que é. De mais, é uma coisa tão simples!... Ouça: rogo-lhe que responda com sinceridade á pergunta que vou fazer-lhe. N'unca pensou que eu podia vir a ser mais do que amigo de seu pae?

—Mais do que amigo... do papá?...—repetiu Regina com justo assombro.

—Sim... mais... filho por exemplo,—tartamudeou.

Maquinalmente, nos labios da menina manifestou-se um sorriso, ao levantar os olhos para a cabeça do visconde, quasi branca com a geada do tempo. Pareceu-lhe a idea extravagante. Filho de Anselmo da Costa, elle! que era mais velho bons dez annos! Foi um pouco constrangida a resposta.

—Como?... *filho*... não entendo...

—Já vejo que não—exclamou o magoado coração do fidalgo—E' bastante, minha senhora. Sei quanto desejava.

N'esta asserção, era elle menos verdadeiro. A graciosidade e natural candura de Regina, era-lhe tomada lá no seu intimo, á conta de garridice ou bizzarria de caracter, para não dizer fingimento infantil já improprio d'aquelles annos.

A este tempo, dizia Anselmo da Costa para a esposa:

—Parece-me que são horas de partir. O sol está a esconder-se, e a caminhada não é pequena.

—E' assim, é—respondeu esta. E alteando a voz:—O' meninas—disse estendendo o pescoço voltado para um e outro lado.—Vamos, vão buscar os chapéus.

—Já?!—bradaram as duas a um tempo.

—E não é cedo. Vossês nunca tem preça; menos quando estão na rua, que então correm que ninguem as avista! Pensam que nós, os velhos, temos as pernas dos quinze annos. Ora vamos lá; vamos lá. Tragam-me o meu chaile e chapéu, que eu não volto a caza.

As duas irmans lançaram um derradeiro olhar em volta de si, e desapareceram para tornar em breve preparadas.

A' sahida, o visconde taciturno aproximava-se de Regina, no momento em que ella conhecendo-lhe a intenção por um movimento rapido como o relampago furtou-lhe o encontro, e foi encostar-se ligeiramente ao hombro de Salvador.

O mancebo estremeceu. Sem proferir palavra, offereceu-lhe o braço que ella acceitou com preça, e só depois

d'alguns instantes pôde o moço cobrar forças para murmurar com voz commovida:

—Obrigado, Regina! obrigado.

A menina fitou n'elle os seus grandes olhos negros, e viu com espanto que nas suas longas pestanas brilhavam duas lagrimas. Magoada, quasi afflicta, perguntou com sincero interesse:

—Que tem? Chora?!

—Se não comprehende o que se passa no meu coração, para que me faz essa pergunta?—respondeu elle.— Não: não me obrigue a fallar, se tenho de soffrer uma decepção. Deixe-me saborear com o pranto a deliciosa chimera que n'este momento me faz arfar o seio pouco acostumado a taes favores. Matava-me, Regina; matava-me!... Talvez fosse melhor... quem sabe?—proseguiu com animação.—De que me serve a vida?... Que estímulos de futuro?... E' preciso morrer; é preciso, é forçoso acabar... Dar-me-ha uma lagrima, não é verdade? Uma só, Regina?

—Jesus!—bradou esta atemorizada.—Extranho-o. Por que falla em mortes? Quer morrer?!

E achegando-se mais espreitava-lhe o rosto, dizendo:

—Como está pallido! Sente-se mal?... Falle; diga-me por que soffre, Salvador...

Tão docemente chamado á realidade, o moço levantou o rosto que até ali conservava voltado á terra. Os olhos d'ambos encontraram-se. Regina baixou os seus, corou, e sentiu-se um pouco perturbada, sem saber explicar o motivo.

Depois de alguns momentos, perguntou elle:

—Será certo magoal-a a minha dôr?

—E' uma injustiça pensar o contrario—accudiu Regina—Ha muito que reparava na sua tristeza, não o vendo rir como Raphael.

—Oh!—volveu elle com um suspiro—Raphael, é feliz; e os desgraçados trazem sempre nos labios a mordada do coração.

—Mas porque é desgraçado?—Porque não se considera tão feliz como Raphael?!—accudiu a maviosa menina.

—Poderia eu sê-lo?—redarguiu o mancebo com fogo—Não adivinha o que me falta para me considerar o homem mais rico, e mais digno de inveja?

—Eu... não...—balbuciu Regina.

—Não?! Não... Ahi tem explicada a minha amargura. Oh! esmague-me, esmague-me assim. Só uma coisa lhe peço; attenda-me, não é de mim, é de si que se trata. Affaste este visconde; repulse-o; ouça o que lhe digo n'esta hora inspirada. Tenho um presentimento funesto a seu respeito.

—Presentimento funesto!—repetiu ella.

—Sim:—proseguiu aquelle vivaz espirito n'uma progressiva exaltação—Presinto não sei que sinistra influencia d'este homem no seu destino; vejo não sei que aves agoireiras esvoaçar em redor d'essa adoravel candu-

ra que faria immudecer labios mais ouzados que os meus. A lingoagem humana tem asperezas e sons profanos que não devem chegar a ouvidos angelicos. De mais, espirito e intelligencia escurecem... morrem as ideas que nascem esplendidas no coração, á vista das maravilhas de Deus... Chame-me louco! Ria-se do demente que a espanta hoje... Dia virá em que as minhas palavras accudirão á sua memoria. Então, é possível que os áditos mysteriosos d'um outro mundo estejam abertos para mim; talvez que o insensato que lhe está dizendo coisas incomprehensíveis lhe mereça uma piedosa saudade; talvez que se aclarem as invejáveis trevas do seu espirito e essa aurora custe um remorso, uma dor eterna á sua bella alma.

—Mas... quiz interromper Regina, quando Salvador lhe cortou a palavra com um grito:

—Piedade! piedade! deixe-me fallar. Preciso d'este desafoço para não abafar.... tamanho é o pezo desta dôr.

Deveras assustada com a impetuosidade do mancebo, a menina voltou-se repentinamente a ver se alguém vinha proximo. So então conheceu que se tinham adiantado muito. Parou: teve medo. Parecia-lhe que Salvador estava louco, e que esta demencia era perigosa.

O mancebo adivinhou-lhe o pensamento, e voltando os olhos para ella, forçou-a com uma doce violencia a caminhar, dizendo-lhe com voz serena e cheia de meiguice:

—Pobre criança!

Depois de alguns momentos de consentação que Regina se não atrevia a quebrar ainda receiosa, proseguiu:

—Assustam-na os meus transportes? Maldiz-me, não é assim?

—Não; não diga isso—balbuciou ella baixinho— não queria ouvir-lhe essas coisas que me fazem mal.

—Chegavam á porta de caza.

Salvador inclinou-se; cortejou as duas senhoras, e pôde ainda dizer-lhe ao ouvido:

—Seja minha amiga: perdoe-me, sim?

Do outro lado murmurava o visconde:

—Está conhecido. — Ha um feliz: e eu é que sou o desgraçado!

Recollidas as meninas ao seu apozento, Regina contava á irman toda afadigada o que se tinha passado n'essa tarde memoravel.

—Mas que imaginas tu da tolice do visconde?— dizia ella a Eugénia.—Ser filho do papá!

—E' que tu não o intendeste!—exclamou Eugénia.—O que elle queria dizer era, que cazando contigo ficava com o direito de chamar-lhe pai.

—O que! cazar contigo?—bradou Regina—Aquelle velho! Tu estás á brincar, Eugénia!... Pode la ser?

E a mais franca das gargalhadas lhe entreabriu os labios. Eugénia tomada do contagio a que tão difficiloso é resistir na mocidade, so depois de fazer segunda parte em alegre côro, disse:

—Pois olha que é verdade: só tu ainda o não sabias. A' mamã ja eu ouvi palavras soltas n'este sentido, e Ra-

phael disse-me hoje quando elle corria atraz de ti, que lhe fazias pena. Que ridiculo elle era!

—Ora! isso é impossivel!... Fallas serio, mana?— perguntou a outra menina.

—Serio, acredita... E olha, eu se fosse a ti não queria.

—Pois tu pensas que eu podia viver com aquelle homem?

—Parece-me que não—tornou a outra. — Eu por mim nem gostava de o ter pintado diante dos olhos.

—E eu? Sinto dores de cabeça quando ouço aquella vôz fanhosa aos meus ouvidos!

—Tens razão —concluiu Eugénia—E' um homem aborrecido.... Mas enfim, eras viscondessa; tinhas carrogens e librés; ias a todos os bailes; tinhas sempre camarote no theatro; e estou que ias logo a Lisboa!... E que ricos vestidos tu havias de ter!

—Pois sim; isso é bonito, é; mas o visconde é horrendo! E o papá que diz ser tão meu amigo; e a mamã, e querem ficar sem mim?. Ai! começo a sentir-me triste!

E a linda cabeça de Regina reclinou-se com adoravel meiguice no hombro da irmã.

—Triste porque, tola? —disse esta affastando-lhe do rosto duas madeixas de cabello.

—Agora é que me está lembrando Salvador: agora comprehendo porque elle me pedia que repellisse o visconde—murmurou a donzella.

—Ha! elle pediu-te isso? — accudiu a irmã brilhando-lhe nos labios o sorriso.

—E tu ris, Eugénia?! Pois eu tenho mais vontade de chorar. Salvador estava tão triste! Disse-me coisas!... E tem razão; elle que é tão meu amigo, afflige-se, receiando que o avestruz do velho falle ao papá. Não achas?

—De certo, não vejo outro motivo... E dis-me cá, de qual gostas mais; d'elle, ou do visconde?

—Que pergunta!—bradou Regina com franca ingenuidade—Salvador regula pela nossa idade; é bonito; pois não é, Eugénia?

—Isso é; mas...

—Sim, entendo, gostas mais de Raphael. Pois são gostos. Salvador é muito mais sympathico e elegante, Agora, o visconde... pelo amor de Deus! não me falles n'essa aborrecida creatura...

—N'esse cazo, trocavas de bom grado?—volveu a outra sorrindo.

Regina corou, como havia momentos corara debaixo do olhar de Salvador.

Sentiu um estremeccimento involuntario e immudeceu.

Eugénia contemplou-a alguns instantes, cravou os olhos no chão e ambas ficaram pensativas.

(Continúa.)

## ECCOS DE LISBOA

Os espectaculos da capital em crise.—Fecha-se o Theatro de S. Bento.—Mudança de empresa.—Os artistas chinezes e as mulas americanas.—Theatro da Trindade.—O publico a analisar o theatro.—*A Cendrillon*.—*A Douda de Montmayor*, em D. Maria.—O genero lacrimoso e a sensibilidade dos espectadores.—Espera-se no Principe Real o *Tartufo*.—Auber e a prospacia dos francezes.—O côro de mercado da *Muda de Portici*.—Fanny Elssler e a Nabet.—A Dolores Serral e a dança hispanhola.—Morte do sr. Francisco Gasul.—Orchestra de S. Carlos e os seus melhores instrumentistas de outro tempo.

Os espectaculos da capital são julgados em grande apuro financeiro; mas, com pasmo de todos, aquelle que primeiro fechou foi o que era mais largamente estipendiado: foi o theatro de S. Bento.

As ultimas recitas d'esta nossa scena politica haviam sido clamorosas. A mudança de empresa tinha desordenado a *claque*, que desejava dar palmas, contanto que lhe conservassem a antiga entrada no theatro. Mas a nova empresa desconfiou de tão rapida dedicação, e preferiu terminar a estação theatral.

Os habitantes de Lisboa estão pois sem este divertimento, que, seja dito aqui mui amigavelmente, é aquelle que sahe mais caro e em que os actores tem menos graça.

Poucos anteviam este desenlace. Dizia-se geralmente que a empresa era forte, e que, por mais provas de desgasto que lhe dêssem os espectadores, continuaria a apresentar-nos, como *grandes utilidades*, varios Hermanns politicos já pateados.

A verdade é que a companhia era ruim. Não tinha nem um *pae-nobre*, nem uma *ingenua*, que amenisassem os lances dramaticos: tudo eram *tyrannos*.

E depois que escolha de peças! *Carta de lei sobre o imposto de consumo! Organização do ministerio dos estrangeiros! Reforma da administração civil!* Tudo dramas com muitos actos, em que desappareciam municipios, e em que se dava um papel mui principal ao taverneiro e ao merceeiro, em virtude de um documento chamado *o manifesto!* Podia lá ser!

Agora espera-se muito da nova empresa. Vae escripturar tudo actores novos. Pelo menos é o que affirmam. Estão já incumbidos varios dramaturgos de pôlpa de escrever as peças que hão de subir á scena, e recommendou-se-lhes que investissem com todas as regras. Por ora já ha algumas farças annunciadas, que se intitulam: —*Abaixo o conselho de estado! Supprimam-se os marechães do exercito! Acabem as commissões retribuidas pelo thesouro!* mas ha quem diga que não serão representadas. O desempenho é difficil, e não temos actores para tanto.

Aqui temos pois a novidade mais importante, a respeito de espectaculos. Depois d'esta lembra naturalmente a substituição que houve no circo Price: dos artistas chinezes Ari-Hée pelas mulas americanas. Aquelles faziam consistir a sua principal destreza em desparar facas de ponta um contra o outro; e as mulas americanas primam pela descarga de couces com que repellem os gatinhos que as tentam cavalgar. E o publico julga chins e

mulas tudo artistas de subido merito, e confunde-os a todos no mesmo applauso, correndo a vel-os, na melhor boa fé.

Seja lá um homem habitante do celeste imperio, e adestre-se nas artes honradas de engolir fogo e agitar borboletas com uma ventarolla, para afinal lhe sahirem á frente dois quadrupedes da America e virem collocar-se-lhe a par, em petulante e victoriosa rivalidade!

E' por estas e outras que os artistas de coração são hoje cada vez mais raros, e a arte por fim de tempos não hade passar de uma palavra vã!

Saiámos do circo e vamos dar uma volta pelos theatros.

O theatro da Trindade foi sobretudo notavel antes de abrir. Quando aquellas paredes estavam cobertas de andaimes, a questão da empresa Palha voava de boca em boca e eram calorosamente sustentados os prós e os contras do futuro do theatro. Agora, que já nos franqueou as suas portas, os espectadores escaceam, e os poucos que apparecem entreteem-se em esquadrihar defeitos á sala.

Eu, por mim, entendo que é um bonito e eleganté theatro; e é voto dos nossos viajantes mais esclarecidos, que lá por fóra poucos ha cuja sala seja de dimensões tão harmoniosas e ornada com mais gosto e singeleza.

Annuncia-se n'aquelle theatro a *Cendrillon*, a famosa *Cendrillon*, que tanta azafama accendeu ainda ha annos em Paris, e que o sr. Palha porá em scena com as visualidades, transformações, jogos de luz e hydraulica que a tornam uma das *fiéries* mais espetadora da pasmaceira das plateas populares.

No theatro de D. Maria voltámos ao melodrama, porém ao melodrama de lances desesperados, que obrigam o espectador sensível a levar o lenço aos olhos de cinco em cinco minutos. Representa-se alli a *Douda de Montmayor*, que são cinco actos de situações de grande lucta sentimental. Suppõe-se uma traição conjugal; a supposta filha adulterina é expulsa do afago paterno. A pobre mãe, repellida pelos injustos zelos do marido, e separada das caricias filiaes, endoudece. Depois d'isto as desventuras accumulam sobre a pobre douda, a ponto de andarem os camponezes dos arredores de Montmayor a monteal-a, de caçadeiras e varapaus na mão, como se fosse um porco montez.

A douda é a sr.<sup>a</sup> Emilia das Neves, que recorda n'este papel todos os defeitos e todos os dotes apreciaveis do genero em que foi educado o seu maravilhoso talento. Tem lances admiraveis de excruciante verdade. A pobre mãe, a quem um fatal destino separou dos affectos de familia apagou a luz da razão, teve na illustre actriz uma interprete fiel aos commoventes segredos e exasperos da loucura. As senhoras, nos camarotes, regam de pranto estas scenas, que mesmo os homens, na plateia, não vêem indifferentes.

Eu admiro o genio, mas não o applaudo, porque acho de ruim gosto gastar cada um o seu dinheiro para se affigir. Tomara eu evitar as desgraças do mundo inteiro, quanto mais mandar inventar outras tantas, e fa-

zer d'ellas o espectáculo da minha curiosidade. Nunca pude achar n'isto prazer. Que uma senhora chore por um motivo qualquer, e de graça, vá; mas que alugue um camarote de primeira ordem, para levar toda a noite de lagrima no olho, é tarefa que eu só aconselharia aos meus inimigos, se acaso os tenho.

E é a estas produções dramaticas que actualmente está reduzido o theatro normal! *Cora ou a escravatura*, *Joanna a douda*, *Adelaide*, os proprios *Amores de Condé*, que não são outra cousa senão um melodrama no enredo e na acção; eis o repertorio representado n'aquella scena, onde deveramos encontrar os modellos da antiga e moderna litteratura dramatica, que estimulassem escriptores e creassem artistas.

Felizmente annuncia-se no Principe Real, a versão do *Tartufo*, pelo snr. Castilho, um dos maiores esforços de linguagem e versificação que tem realiado o idioma portuguez. Se não fosse com receio de fazer estremecer as classicas cabelleiras dos idolatras de Molière, declarava aqui mui baixinho, que tinha achado graça mui franca e n'uma metrificacão menos visivelmente laboriosa no admiravel imitador do poeta francez.

Pena é que seja ainda para março, no beneficio do actor Santos, que tenhamos de apreciar o seu desempenho, de que o beneficiado fez um capricho, e de que estouto certo lhe resultará um triumpho.

Em S. Carlos, depois da saída das irmãs Marchisio, a opera que a todos não desagradou foi a *Muda de Portici*.

A *Muda de Portici* é a produção musical com que os francezes se pretendem collocar a par dos compositores italianos e allemães. Chega a tanto o seu orgulho, que depois de citarem os famosos partitos do *Propheta* e do *Guilherme Tell*, ajuntam logo a opera de Auber, como obra capaz de competir com aquelles sublimes trabalhos da sciencia e da inspiração musical! Ainda mesmo considerada na epoca em que foi escripta, que foi ha quarenta annos, a *Muda* é uma composição desigual, sem originalidade, e quasi alheia aos progressos de instrumentação, que os effeitos da orchestra, introduzidos por Meyerbeer, Rossini e Donizetti, tornavam já conhecidos em França. Os motivos mais applaudidos da opera, como a *tarantella*, a *barcarolla*, o *bailette* hispanhol, quasi todos os *ritornellos*, são motivos populares napolitanos, bem conhecidos dos apreciadores e curiosos. Auber teve só o merito de colher e apropriar estas inspirações locais ás diversas situações creadas por Scribe, compositor do libretto. Mesmo o apreçoado *côro do mercado*, que os francezes pretendem achar tão original e característico, não passa de um alarido, ou fragor instrumental que se torna mais singular pelo estrepito, do que pela significação dramatica.

Do côro da revolta ou final, pôde-se dizer o mesmo posto que, n'este, estes defeitos sejam desculpaveis, pela situação que traduzem.

A respeito do *côro do mercado*, os francezes, que tudo que provém dos seus, acompanham sempre de his-

torias e circumstancias exageradamente encomiasticas, contam a seguinte anecdotica:

Auber tinha chegado ao momento de escrever a scena de mercado, e não lhe acudiu a inspiração com combinação que lhe exprimisse cabalmente o quadro que elle, antecipadamente, ideára na sua phantazia. Assim como José Vernet se fazia amarrar aos mastros dos navios arcando com a tempestade para observar de perto os seus horrores, do mesmo modo Auber girava nas visinhanças dos mercados de Paris para os estudar. Uma vez, indo a cavallo e abstraído pelos pensamentos da sua opera, não deu porque o cavallo atravessava o mercado, atropellando compradores e vendilhões. As pragas e imprecações sahidas em conflicto horrivel de mais de cem bocas, advertiram-no de que tinha feito mil estragos, mas o seu êstro havia encontrado, no vozear clamoroso d'aquella multidão irritada, o celebrado côro que os francezes citam com tanta ufania.

D'esta vez o desempenho foi mediocre. O papel de Mazaniello, escripto para o celebre tenor francez Nourrit, e depois cantado por Duprez, está mais para uma voz robusta e espontanea, como era a de Paganini, o primeiro tenor a quem o ouvimos em S. Carlos, do que para a voz de Mongini, essencialmente melódica e ligada.

Com esta opera succedeu em França um caso notavel que mostra bem o que são as emulações das divas de bastidor.

A primeira vez que a *Muda* se cantou na *Opera*, desempenhou o papel de Fenella (a muda) a bailarina franceza Noblet, a mais afamada mimica que conheciam os theatros então. Depois, quando Duprez succedeu a Nourrit, o papel da muda foi dado a Fanny Elssler, a quem a Noblet o cedeu com perfida generosidade, porque Fanny Elssler era grande dançarina, porém mimica inferior. A Noblet julgou ter enterrado a rival; e assim seria, se a allemã se não lembrasse de introduzir no bailette hespanhol do primeiro acto um passo da caxuxa. Parece que o fogo de Sevilha lhe inflamara o sangue e emprestára: provocadora desenvoltura das graciosas manolas de Cadiz. Palmas phreneticas accolheram a famosa bailarina.

Mas esta gloria devia ser ephemera, como todas as glorias theatraes! Quiz a má estrella da Elssler que n'aquella mesma noite fosse o debute da celebre Dolores Serral, a mais afamada bollera das Hespanhas.

Este acontecimento havia sobresaltado os frequentadores da *Opera*. A Elssler, a famosa Elssler tinha dançado uma caxuxa, e a Dolores Serral, a fadada e gentil filha de Manzanarez, vinha reproduzir no mesmo palco os formosos passos de uma das danças nacionaes da Hespanha.

Platêa e camarotes, tudo aguardava com impaciencia a entrada da bailarina hespanhola. Afinal appareceu, com aquelle lindo jaleco de velludo orlado de espiquilha de prata, a rosa nos cabellos, o grande pente de ouro, descahido ao lado, castanholas de marfim nas mãos.

Depois, ao som de uma toada singella e ao mesmo

tempo saudosa, como todos os motivos da musa popular hespanhola, e interrompida de tempos a tempos pelo traquinar das castanhetas, começou a dançar o passo mais audaz, mais ardentemente desenvolvido que ainda tinham visto n'aquelle palco olhos soffregos de encantos femininos.

Era provocador, prodigioso, diabolico!

Imaginae estremecimentos de hombros, requebros de cintura, braços e pernas atirados ao ar com sensual provocação, movimentos da mais irresistivel voluptuosidade, um ardor cheio de impetos, um prurido de movimentos, uma dança enfim capaz de ergner mortos!

O effeito d'este bolero, nos espectadores da *Opera*, habituados aos *entrechats* e a todas as attitudes rigorosamente geometricas da choreographia franceza, tocou as raías do delirio. Ficou tudo doudo.

A Elssler e a Noblet, a espreitarem de dentro dos bastidores, tiveram de ser as testemunhas mudas d'este triumpho inesperado; e, enquanto a gentil hespanhola agradecia os applausos de um publico enebriado, recolhiam ellas ao camarim, mordendo-se de inveja de tão poderosa rival.

Agora uma noticia triste, e com ella fecharei esta revista. Morreu o sr. Francisco Gasul, lente e secretario do Conservatorio e musico da real camara.

Pertencia o finado, á familia do mesmo nome, toda de bemquistos e conhecidos artistas musicaes, cujo pae o sr. Pedro Gasul, veio a Portugal com os Jordanis, Cotinelli, Canogia, Coussul, e outros musicos de nome que formaram a antiga orchestra de S. Carlos, na epoca da abertura d'este theatro. Era uma pleiada de celebrados e intelligentes artistas que deixaram fama de si, e a cuja sombra a nossa orchestra conseguiu collocar-se, na reputação, a par das melhores lá de fora.

Ainda ha pouco lastimavamos a perda de Freitas, o notavel rebequista, e a de Seromenho e Carréro, o filho do estudo, e o predilecto de inspiração, e já outro obito leva o luto á classe musical!

O nosso theatro lyrico é o primeiro que perde com estes tristes successos, que em pouco mais de dois annos lhe tem roubado os seus professores mais notaveis.

JOSÉ MARIA D'ANDRADE FERREIRA.

## UM BOM MINISTRO DA FAZENDA PARA PORTUGAL.

D. Pedro 2.<sup>o</sup> sondava o pulso da nação, e sentia que a inferna inclinava de puro extenuada ao lento agonisar da cachexia.

Tinham custado caras as parcialidades que lhe deram a regencia e depois o reinado. As cortes dos prelados em S. Domingos abjectas e humilhadas esponjaram tanto do erario como as dos fidalgos. Sem muito dinheiro, era impossivel amordaçar a consciencia de tantos magnatas mitrados e implumados que impassivelmente viram,

entre o carcere e o tumulto, arrastar-se e lacerar-se a pedaços a vida do filho de D. João IV.

Queria o real verdugo do irmão attribuir o desfallecimento e pobreza do paiz a uma qualquer causa alheia das suas veniagas de partidarios. Pedia ao seu secretario de estado, Roque Monteiro Paim, cauterio para o cancro. O ministro declinava de si as honras e o proveito do alvitre salvador encommendando a outro o encargo de regenerar a fazenda publica, cedendo n'elle o galardão da façanha.

Andou o privado de D. Pedro 2.<sup>o</sup> escudrinhando um homem e veio ate Coimbra com a lanterna de Diogenes; mais ditoso, porém, que o philosopho cynico, encontrou nas cathedras da universidade um sabio, um doutor, alguma coisa mais rara que um homem.

Chamava-se o doutor *Jacob Sebastian Selabus*. Tinha nome e sangue hebreu. Viera de fora, talvez de Flandres, por motivos que se esconderam ás minhas indagações. Estava alli em Coimbra, empinado em oraculo, alvitando ao rei directamente, ou cartecendo-se com elle mediante os ministros.

Pedi-lhe Roque Monteiro Paim que minutasse uma lei impeditiva da exportação do dinheiro. Aquelles economistas do seculo XVII não sabiam remediar a pobreza do estado senão impedindo que o dinheiro sahisse as raías do territorio.

Outra fonte de ruina era o cerceamento das moedas de ouro e prata, visto que ja ninguem aceitava as patacas reféces; e á fazenda real, havendo de as tirar do giro, urgia-lhe cambial'as por prata equivalente, prejudicando-se.

O rei tinha mandado cordoar o bordo das moedas para impedir a cerceadura; isto, ainda assim, não remediou o principal maleficio, que era sumirem-se em unhas de francezes e inglezes as moedas não cordoadas.

Os sabios andavam em pancas no anno de 1687 sem atinarem com o expediente regenerador, quando o doutor Jacob Sebastian Selabus, batendo trez sapatadas na cabeça prenhe de regenerações, golphon dos bicos da ramalhuda penna de galinha a seguinte carta a D. Pedro II:

«Serenissimo Rei, Muito Alto e Poderoso Senhor. (\*)

«Offereci a V. Magestade por mãos de Roque Monteiro Paim um papel que o dito Roque Paim me mandou compor em zelo do serviço de V. Magestade em que aponte as causas da atenuação de Portugal, e o remedio politico com que o reino lograsse seu proprio ser em razão da natureza o haver dotado com tantas e mais excellencias dos mais reinos e monarchias.

«Manifestei outrosi a V. Mag. quem sou, a causa de estar neste reino e assistencia nesta universidade, re-

(\*) Traslada-se a carta d'uma copia adjuncta a varios papeis ineditos concernentes aos reinados d'Affonso VI e Pedro II. A collectanea de mss. intitula-se *Cortes ecclesiasticas de 1668 e 1674, e outros papeis*.

quisitos dignos de V. Mag. amparar-me e deffêr-me ao requerimento no tal papel proposto (1)

«Toquei ácerca do dinheiro e cerceadura d'elle; houve, porém, quem propoz que se pozesse cordão nas moedas de ouro, e se recolhessem as patacas de pezo de 4 oitavas  $\frac{1}{2}$  para cima. Uma e outra coisa se executou.

«O remedio do cordão é muito bom para evitar as cerceaduras das moedas cordoadas; mas não remedeia que os inglezes e francezes não vão agora mettendo em si aquellas moedas que ficaram por cordoar as quaes são mais do trespobro das que estão ja cordoadas, e todas vão fora do reino. Quanto mais que este cordão abre a porta a novos delictos; que como no cordão consiste so o requisito de correr ou não correr a moeda, não faliará quem as fabrique de menor pezo e muito bem cordoadas; e nas raías de Castella as cordoarão depois da barba feita, como faziam ás patacas; e assim se vê que o remedio do cordão é muito prejudicial ao reino e causa incitante de novos delictos.

«O recolher V. Mag. as patacas de 4 oitavas e  $\frac{1}{2}$  para cima, dá franquia aos cerceadores de as irem barbeando até ao dito pezo, como já se tem experimentado: com o que padece a fazenda real mais este detrimento, está o reino em grande confusão, queixam-se os pobres, padecem todos, as patacas ninguem as quer, não se vê outro dinheiro nem o ha, o novo não pode chegar a todos, e o reino é abalado por fome e miseria, todos são perseguidos sem verem o inimigo que os persegue.

«Os alvitres que se hão de dar aos principes hão de ser remedios universaes que em si comprehendam e remediem todos os incommodos; porque aquelles que fecham a porta ao mal presente e a abrem ao mal futuro, não é bom propôl-os porque empenham o respeito real e dão motivo á murmuração de caza mal governada, o que é em offensa do estado real dos principes, nos quaes não ha arrependimento, porque n'elles não se considera erro; e basta para exemplo a inteireza de Pilatos quando os judeus queriam que escrevesse que Christo dissêra ser rei dos judeus, e não que o era; ao que Pilatos respondeu: *quod scripsi scripsi*; (2) para que assim se não proponham alvitres que depois necessitam de revogações pelas suas inconveniencias.

«Quero dar a V. Mag. um remedio universal que dê fim a todas estas inconveniencias, e alivie V. Mag. dos cuidados e mortificações, fazendo acabar as cerceaduras, remediando o povo e impedindo que o dinheiro vá para fora do reino.

«Mande V. Mag. apreçoar que toda a pessoa, de qualquer qualidade que seja, que tiver em seu poder dinheiro velho cerceado, assim ouro como prata, patacas,

(1) É claro que o sabio não salvava gratuitamente o paiz. Parecia-se com os ignorantissimos salvadores de hoje em dia.

(2) Pilatos entra n'esta carta muito menos adquadamento que no *credo*. O doutor Jacob, quando se abstrahia por philosophias dá arte de governar, não quadrava com o grande homem que foi a dar conselhos. Não lhe calha bem o abstracto.

moedas de cruzados, e dois tostões, marcadas e para marcar, as levem á casa da moeda d'entro de um anno e mais ainda, se necessario for; e lá lhe darão dinheiro novo pelo velho, segundo o pezo que cada moeda tiver em razão de 90 reis por cada oitava de prata e 1050 reis pela oitava d'ouro, e que ahi entre tambem as de cordão antes que venham de França cordoadas; e seja permitido que d'entro do dito praso corra a moeda cerceada pelo pezo que tiver em relação ao valor sobredito. D'esta sorte, acabase a cerceadura, por que a si mesmo se prejudica quem a cercear, por não ter a prata entre particulares o valor que tem amoedada.

«Deste modo se remedeia o povo, em quanto V. Mag. não provê o reino de novo dinheiro.

«D'esta sorte, não levam os francezes e inglezes o dinheiro fora do reino, por lhe não fazer conta.

«E d'esta sorte reparte V. Mag. com o povo a perda, e ninguem fica com razão de queixa.

«E no tocante á patacaria de pezo que vem de Castella, fallarei constando-me que esta foi aceita por V. Mag. Deus Guarde a Real Pessoa de V. Mag. por mil seculos como todos a Deus rogamos. Coimbra 10 de fevereiro de 1687. Humilde escravo de V. Mag. *Jacob Sebastian Selabus.*»

Não sei se D. Pedro II apremiou condignamente o restaurador das *finanças*, palavra que o doutor Selabus nunca ouviu nem souheu que em Portugal se acalmasse. E todavia é optima, venha ella d'onde vier. Quando Portugal está a *finar-se*, chamam-se *finanças* as rendas publicas.

Quer-me parecer que D. Pedro não salvou o paiz com a mezinha do professor de Coimbra. D'ahi a quatro mezes, casou elle com a segunda mulher, por meio da qual se multiplicou em sete filhos, afora outras multiplicações bastardas todas tendentes a felicitar o paiz.

Quanto á moeda, o que sabemos de Manoel de Serim de Faria (*Noticias de Portugal*) e de fr. Joaquim de St.<sup>o</sup> Agostinho (*Memoria sobre as moedas do reino e conquistadas*) é que D. Pedro II levantou grandemente o valor do dinheiro, alvitre que não consta da carta do mestre Jacob.

Como quer que fosse, quem pilhára um Selabus para ministro da fazenda actual! Um sugeito assim, depois de ter comido tres jantares patrioticos, salvava-nos! Que faria elle para supprir o abolido imposto de consumo? Não deixava sahir vintem para fóra do reino.

Srs. Selabuzes modernos, aprendam!

C. CASTELLO-BRANCO.



## SONS QUE PASSAM

**Carta de Gastão Vidal de Negreiros, a  
CAMILLO CASTELLO-BRANCO.**

Meu amigo.

Lugar a um bom livro; lugar a um grande espirito.

E' Thomaz Ribeiro, o poeta das *Lagrimas* quem nos apresenta os seus *Sons que passam*.

Ouçamol-o:

Abre assim a introdução ou epigrafe geral da obra.

O' doloridos sons da minha lyra,  
Vibrae! passae!  
Sois o triste sorrir de quem suspira!  
O fugaz suspirar de quem delira!  
De vos o mais alegre é quase um ai!  
O' doloridos sons, passae! passae!

Antes do poeta fallemos do homem.

Thomaz Ribeiro é um nome tão conhecido entre os lidadores da poesia, como é no forum do parlamento a sua voz eloquente e sympathica, e na sociedade o seu caracter probo e illibado. E' um d'estes genios de rija tempera e proficiente estudo.

Alma limpida e espelhada como o chrisal; entendimento agudo reverdecido pelo sonhar d'uma fantazia despeada e copiosa; coração bem cultivado, e fruteando boa sementeira. Que mais vantagens poderíamos cobiçar para o cantor do *D. Jaime*, do gentil campeão d'aquella Anninhas, casta e pudica virgem que era o amparo e alegria de dois velhos?!

Quando a este montado chegam hospedes de tal porte, esqueço-me da rusticidade do meu espirito desentranhando-me em affectos, e lamentando os parcissimos e escassos meios de que dispõe a minha intelligencia para condignamente os receber.

E todavia, meu amigo, na choça alpestre, fulgem como scintillas de luz e repasto superior, apar de Bernardes e Vieira, Garrett, Castilho. Que eu n'este ponto, sou talvez como os avarentos que enthesoiram joias sobre joias, sem lhe conhecerem o quilate nem poderem avaliar seu justo preço.

Ora pois, voltemos ao poeta:

Corôa de espinhos se intitula a primeira parte do livro. São poezias mariosas d'onde transuda a fé e a crença bem dita d'um outro mundo alem dos humbraes da morte.

Ai do viandante que não vê caminho!  
ai do mesquinho sem a luz da fé!  
ai! que na falta d'um amor sublime,  
triumfa o crime, do ludibrio em pé!

Depois, o eco se calou dos jubilos,  
e o cantico de Hosanna emudeceu!  
apôz a lida, á hora do crepusculo,  
o Semeador divino adormeceu!...

Ha uma harmonia e suavidade tal n'estes dois versos ultimos que nos seduz ouvido e coração. Sem querer, repetimos:

Apôz a lida, á hora do crepusculo,  
o Semeador divino adormeceu!

Que naturalidade de expressão! Como isto é lindo! Como a veia poetica do auctor corre expontanea e rica, traçando as imagens finaes d'este primeiro quadro:

Jesus! se o mundo se agita,  
dá-me descanso, Jesus!  
faz-me grama parasita  
encostado ao pé da cruz.

Faz-me insecto da ramada  
que ninguém vê na amplitude;  
quero á sombra do meu nada,  
perder-me na solidão.

Faze-me fonte na serra  
que ninguém bebe nem vê;  
tira-me os mimos da terra,  
mas dá-me as crenças e a fé!

Que eu sinta sempre o teu nome  
misturar-se aos prantos meus;  
que eu possa morrer de fome  
abençoando-te, ó Deus!

Como hoje, nunca tão difficil e espinhosa se mostrou a senda da poesia aos verdadeiros illuminados. As imaginações cansadas de mil variantes rodando todas sobre o mesmo assumpto, chegam ao fastio, e d'ahi ao menos preço por este ramo de litteratura, tentado, e muitas vezes com pouco aproveitamento, por vocações tibias e frouxas. Este foi o grande mal. Eu mesmo—batendo no peito o confesso, meu Camillo—não sahi incólume do peccado do seculo. Por ahi rabisquei uns versitos zambros, como todo o fazedor d'essas bagatellas de francaria.

Ail com que saudade recordo aquellas trez graças, que cantei repleto d'amor, quando ellas me esponjavam do coração todo o humor acre e corrosivo impulsado pelos jubilos do mais férvido enthusiasmo! E como hoje me está dissaboriando a lembrança dos dentinhos de Laura; dos olhos de Leonor, e das perfeições de Ophelia, a magica creatura dos meus sonhos; que vossê tão impiedosamente me descreve zambra e vêsga!...

Passemos um véo sobre esse lamentoso quadro.

Apanhando o fio de minhas ideas, ia eu dizendo, quão ardua é a missão do poeta, desde que os prelos espumaram uma babugem límosa, sem feição de prosa nem poezia, ou coisa que o valha. Por isso, quando Thomaz Ribeiro appareceu na arena, foi saudado por todos os corações onde vibrava ainda o bom gosto, e afeição ás lettras patrias.

O *D. Jaime* teve um exito condigno, como decerto o não terão os *Sons que passam*, comquanto no meu entender, o ultimo canto ou poema das «Lagrimas» seja um grito magnifico, uma elegia sepulchral cheia de melancolia, e de beijos doces, ardentés e castos como a ba-fagem d'uma tarde d'estio.

Diz o poeta:

O' minha mãe sem ventura!...  
minha mãe!... ó mãe querida!  
abre a tua sepultura!

Aqui tens a minha vida!  
vida inutil a seu dono;  
aceita-a, mãe! volta á lida!

Antes eu durma o teu somno!  
Sem ti, que hade ser, agora!  
n'estas fadigas do outomno?

E em casa o que vai, senhora!  
meu pai, olha... escuta... espera!  
meu irmão, soluça e chora!...

O' minha mãe! quem pudera!  
fazer que voltasse a vida  
como volta a primavera!  
Minha mãe! ... ó mãe querida!...

Como é cheio e melodioso este canto! Que simplicidade tão pungitiva! O filho extremo esqueceu o poeta. Não escreveu; não pensou... chorou! Rasgou o seio onde tumultuavam as dôres fundas d'uma orphandade cruel, e mostrou-nos a descoberto a chaga, soluçando com pueril e tocante grandeza.

Depois que se lêem estas sentidas estrophes con-frange-se-nos a alma. Correm-se os olhos sobre as paginas seguintes, e a commoção não affrouxa. Ha uma dô-çura indescriptivel n'estes lamentos:

Ail vêde o que é ter mãe!  
Quem diz o que ella diz? Ninguém! ninguém!... ninguém!  
Aquelle amor celeste... o seio... ai! nada existe!...  
A minha mãe morreu!... Nem tenho onde ser triste!...

Magnifico! Ouve-se aqui o gemido. Sente-se o ar-quejar do seio opresso, adivinha-se o arrefecimento do desejo vital paralisado pelo desespero.

Eao pobre, lacerado por tantas penas, ainda resta a quem prantear:

Pobre do meu irmão! coitado d'ellel  
sacerdote de Deus, na flor da idade  
votado ás solidões! victima imbel-  
le da mais cruel saudade...  
tão mimoso que foi do seu carinho...  
hoje tão só no solitario ninho!  
Já nunca mais a sua companheira,  
seu amor, seu orgulho, e seu desvelo,  
ha de esperal-o a noite longa inteira,  
a rezar e a escutar se lhe ouve os passos  
de volta ao presbyterio!  
não mais hade correr a abrir-lhe a porta!  
não mais hade cingil-o entre os seus braços!..  
.....  
Como hade elle passar no cemiterio? ...  
Como hade elle viver na casa morta? ...

Não resisti ao encanto de transcrever este bellissimo trecho, um dos mais commoventes, do poema. Aquelle moço no re florir da vida já envolto no sudario dos martyres, *victima imbel- le votada ás solidões* é um quadro triste, e verdadeiro, e já de si grandioso.

Vejam os resto:

Quando ella agonisava,  
suspensa a vida entre o mysterio e o mundo,  
procurava-se um padre, um velho... um justo  
que lhe resasse as preces da agonia,  
O filho sacerdote, que chorava,  
erguen-se, e disse então, solemne e angusto:  
—Se minha mãe me visse moribundo,  
não me deixava o leito;  
quero pois que a santinha deixe o mundo,  
encostada ao meu peito!  
quero rezar-lhe a prece derradeira!  
eu sei que isto a consola.  
E foi-lhe ajoelhar á cabeceira.  
Resvalava-lhe o pranto pela estola,  
pelas dobras do leito mortuario,  
luzindo a espaços com sinistro brilho;  
a voz, estrangulava-lh'a a garganta;  
tremia-lhe entre as mãos o breviario;  
mas a supplica santa  
mandou-a a Deus o soluçar d'um filho.

E' sublime! Ha aqui afora o merecimento do verso e opulencia da lingua que Thomaz Ribeiro maneja como discipulo dos melhores mestres, uma verdadeira vocação, accudindo-lhe a rhyma sempre prompta e facil ainda nas mais rudes provas.

Assim comprehendendo eu o poeta. Expontaneidade, elegancia na forma, e delicadeza no sentir. Estes são os predicados indispensaveis para prender o leitor; e ninguem melhor os conhece e sabe aproveitar que o auctor dos *Sons que passam*.

Se alegre, a sua poesia embrinca-nos o pensamento, chamando-nos aos labios o sorriso fino e sincero.

A vida do ermo presta-se a mil fantasias, e vossê deve sabel-o, meu Camillo.

E' por isso que não temo confiar-lhe as fragilidades da minha rasão; e se accaso ella se desmandar em seus juisos, ampare-a, guiando-a com a sua experiencia.

Toda a alma superior está sujeita, ou melhor direi, acorrentada, ao poste inquebrantavel do infortunio.

Thomaz Ribeiro é um ser privilegiado; é poeta... quero dizer, é um infeliz! Os bemfadados d'este mundo não escrevem livros. Quando muito, enchem duas resmas de papel cantando a visinha da trapeira, ou a creada do estanke proximo.

Magôa em verdade, pensar que a um moço no vigor da existencia, e possuidor de tão excellentes dotes não coubesse em partilha a ventura que goza tanto alarve, e tanto estúpido!

Os *Sons que passam* abriram-me os arcanos secretos

d'aquella existencia. Profundei-lhe desalentos, abri o sa-  
crario occulto do poeta, e chorei com elle.

Chorei; que os desgraçados são todos irmãos! Pun-  
ge a viuvez sem esperanza, e aqui ha sinsera amargura:

Nem dor, nem riso!... Eis a calma  
do morto mar do meu ser!  
não reverdece uma palma  
na aridez do meu viver!

Fez-me isto lembrar d'uma poesia de M.<sup>me</sup> Emile de Girardin:

Misérable destin!—Quoi! vivre sans son âme,  
Méconnaître l'amour, et toujours le rêver;  
Parler, sans s'enouvoier, un langage de flamme;  
Peindre un bonheur, sans l'éprouver!

Ha destinos singulares, e ha singulares espiritos! E bem possivel é que eu esteja n'este caso, e que o auctor dos *Sons que passam* ria da minha descabida perspicacia em farejar dôres alheias. Mas é que eu meu querido Thomaz Ribeiro (nao se espante da minha sem cerimonia... entrou na choça do pobre, allumiou-lhe as escuridões, chorou com elle; basta. Quer queira quer não é um dos meus amigos mais dilectos, e ha-de soffrer que o trate como tal), eu não posso desligar da poezia a profunda amargura em que sobre-nadam certas existencias incomprehensíveis para o vulgo.

E' preciso conhecer o valor d'uma lagrima cahida sobre a mortalha d'aquella que foi nossa providencia na infancia; nosso jubilo e orgulho na puberdade; e como ave sem ninho perguntar a Deus: por que me roubaste o cofre das minhas alegrias? Faltavam-te joias no ceu?

E' preciso receber o baptismo do soffrimento sem o qual não existe a revelação da energia, e da força moral de nossas faculdades.

Thomaz Ribeiro é intelligencia predestinada a um futuro esplendido. O seu livro é rico de bellas imagens e sobre tudo de sentimentos verdadeiros. Os seus devaneios encantam-nos sempre, com a grandeza da simplicidade.

E' ás damas portuenses que eu recommendo a leitura dos *Sons que passam*.

Leia-o aquella para quem desponta a vida como o rozal na primavera; estude-o a mulher de fronte pensativa, aquella que no revolutear das paixões, ou na esterilidade dos affectos não achou condigna recompensa.

Leiam, que ha ahí repasto saborosissimo para todos.

E por ultimo, meu Camillo, aperte por mim a mão do nosso poeta. Parabens a ambos. A vossê pela lembrança de erigir um monumento symbolo de amizade e admiração ao principe da lyra portugueza, o Snr. Antonio Feliciano de Castilho; a elle, por ser n'essa occasião tão donoso interprete das creancinhas.

Somos de troncos robustos  
os loiros, os tenros gomos.  
Das flores surgirão pomos?...  
Se Deus regar os arbustos!

O orvalho do ceu lh'os robusteça.

Seu velho amigo,  
Gastão Vidal de Negreiros.

#### EXPEDIENTE

Com o n.º 3 se distribuiu o 1.º *Catalogo Bibliographico da Gazeta Litteraria*. Com este n.º 4 vai incluido o 2.º *Catalogo*.

Se algum assignante o não tiver recebido, e o quizer, pode mandal-o pedir ao escriptorio da administração da *Gazeta Litteraria*, rua do Almada n.º 169 e 171.